

e-ISSN 2675-2816

CABURÉ

Saberes Acadêmicos
Interdisciplinares

V. 3, N. 1 (2020)

ATIVIDADES EM LINGUÍSTICA APLICADA: REFLEXÕES SOBRE “GÊNERO NEUTRO”

ACTIVITIES IN APPLIED LINGUISTICS: REFLECTIONS ON “GENDER-
NEUTRAL LANGUAGE”

Maria Alice Ribeiro Sousa

maria.ribeiro@delmiro.ufal.br

Elivelton Soares Maciel

elivelton.maciел@delmiro.ufal.br

Graduanda e graduando no curso de Letras-Língua Portuguesa, UFAL-Campos do Sertão,
Delmiro Gouveia (AL).

Resumo:

O artigo aborda a polêmica do gênero neutro em Língua Portuguesa, sob a ótica da Linguística Aplicada, problematizando a epistemologia de Ferdinand de Saussure, a partir da análise de uma publicação em rede social da professora Katia Ferreira, que se posiciona contrária à linguagem inclusiva. Discutimos, então, a flexibilidade da língua e suas mudanças ao longo do tempo. Com base em estudos de Lagares (2021), Santos Filho (2017; 2021) e Viscardi (2019), argumentamos que a língua não é um sistema fixo e imutável, mas sim um fenômeno social em constante transformação. A reflexão demonstra que a adoção de marcadores neutros não representa uma ameaça à língua portuguesa, mas sim uma ampliação das possibilidades linguísticas para tornar a comunicação mais inclusiva e respeitosa.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Gênero neutro. Atividade em Linguística Aplicada.

Abstract:

This article addresses the controversy surrounding the gender-neutral language in Portuguese from the perspective of Applied Linguistics, problematizing Ferdinand de Saussure's epistemology, based on the analysis of a social media post by Professor Katia Ferreira, who takes a stand against inclusive language. We then discuss the flexibility of language and its changes over time. Based on studies by Lagares (2021), Santos Filho (2017, 2021) and Viscardi (2019), we argue that language is not a fixed and immutable system, but rather a social phenomenon in constant transformation. The reflection demonstrates that the adoption of gender-neutral language markers does not represent a threat to the Portuguese language, but rather an expansion of linguistic possibilities to make communication more inclusive and respectful.

Keywords: Portuguese Language. Neutral gender. Activity in Applied Linguistics.

Introdução

No dia 18 de maio de 2022, o professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho, docente do curso de Letras- Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas (Campus do Sertão), solicitou, via grupo de estudos no *Facebook*, uma atividade de três etapas para a turma do sexto período de Letras, na disciplina de Linguística Aplicada, no semestre 2021.2. A atividade proposta versa sobre algumas discussões já feitas em sala de aula, como por exemplo os usos de marcadores linguísticos de “gênero neutro” na Língua Portuguesa, o uso do masculino genérico em textos jornalísticos, as noções de fato social, além da perspectiva de língua proposta por Ferdinand de Saussure.

Aqui, abordamos apenas a primeira atividade, para a qual tivemos acesso a uma postagem no *Facebook* feita pela professora de português Katia Ferreira, no dia 07 de agosto de 2021. Nesta publicação, essa professora se posiciona contrária ao uso de uma linguagem neutra e se utiliza de alguns argumentos (que serão apresentados ao longo do texto) para sustentar sua posição. Nesse sentido, foi nos solicitado pelo professor que, a partir da epistemologia da língua em Saussure (1916), no Curso de Linguística Geral (CLG), justificássemos se concordamos ou discordamos das ideias propostas pela professora, através de argumentos linguísticos “técnicos”.

Para tanto, utilizamo-nos de alguns estudos, tais como os de Batista (2011), Lagares (2021), Santos Filho (2017), Santos Filho (2021), Zebini (2022), Viscardi (2019) e do próprio Saussure (1975), na tentativa de propor novas maneiras de se pensar a língua e seu uso. A vista disso, assumimos um posicionamento contrário ao da professora e contrário às suas noções de língua.

Reflexões sobre gênero neutro – problematizando Kátia Ferreira

As discussões acerca das questões de gênero neutro na Língua Portuguesa têm gerado um amplo debate nas mídias sociais nos últimos tempos. De um lado, há quem defenda e apoie a utilização do gênero neutro como forma de tornar a língua mais inclusiva. De outro, há aquelas pessoas para quem mudar o marcador de gênero das palavras “não torna o mundo mais acolhedor”, chegando a afirmar que essas mudanças irão “acabar” com a língua, baseando-se, supomos, na perspectiva de “norma padrão”.

Quanto ao segundo grupo de pessoas, tal como Lagares (2021, p.3), argumentam que “[...] o padrão, embora tenha uma tradição antiga, que vai se renovando muito devagar ao longo do tempo, nunca chega a atravessar séculos, como sabe qualquer pessoa que tenha lido textos em português de épocas recuadas na história [...]. Assim, propomo-nos a refletir sobre as noções de gênero gramatical na Língua Portuguesa, além de pensar mais além sobre a própria língua e as ideologias que a permeiam.

Sendo assim, ao lermos o comentário da professora Katia Ferreira, em um *post* do *Facebook*, no qual são trazidos argumentos contra a utilização de grafemas “-x” e “-@” e o fonema “-e” como marcadores de morfemas de gênero e, em seguida, tendo os seus argumentos descritos como “irretocáveis” por uma leitora, somos levados à reflexão sobre qual a noção que temos sobre língua e como ela impacta na maneira como vemos o mundo e as palavras.

A professora começa por se defender das acusações que foram feitas contra ela, de ser desrespeitosa durante a explicação de um conceito da Língua Portuguesa. Segundo ela, entendemos que, pautada nos estudos tradicionais da língua, não faz diferença mudar “vogal temática” de substantivos e adjetivos para ser “neutre” (comentário que retomaremos posteriormente). Além disso, para ela, gênero gramatical, na maioria das vezes, é definido pelo artigo que antecede a palavra e que palavras terminadas em “-e”, por exemplo, não podem ser consideradas neutras. Logo, a utilização de “-e”, “-x” e “-@” “não iria diminuir o preconceito contra grupos que lutam por uma linguagem mais inclusiva”, discorre a professora já mencionada.

No entanto, ao olharmos para a língua, a partir da epistemologia proposta por Saussure (1916), no Curso de Linguística Geral, estudada durante as aulas de Linguística Aplicada, percebemos que o posicionamento tomado pela professora não é e, para nós, não pode ser tido como “irretocável”, pois devemos levar em conta as constantes mudanças da nossa língua. Nesse sentido, de acordo com Santos Filho (2017), Saussure

(...) esquematizou conceitualmente um programa para os estudos linguísticos, afastando-se, dessa maneira, dos estudos anteriormente desenvolvidos, de modo que os estudos da língua tivessem autonomia, de modo que não fossem uma disciplina normativa, nem que ficassem na comparação de textos, tampouco que pensassem a língua como um organismo vivo que se desenvolve por si. (Santos Filho, 2017, p.7).

64

Então, Saussure afasta-se dos estudos normativos-prescritivos, das noções da gramática comparativa e da filologia e lança uma nova base epistemológica do estudo da língua, pois, passou a criar um “objeto língua” (Bagno, 2019), enquanto um sistema de signos, no sentido de que são os “sinais depositados em cada cérebro” (Saussure, [1916] 2004, p. 27) responsáveis por se conectar e formar cadeias, onde um significado (conceito) é unido a um significante (imagem acústica).

Além disso, para o mestre genebrino, a língua é um fato social, pois quando somos inserido(a)s na sociedade arranjos linguísticos já estão circulando. Essa noção de fato social trazida por Saussure vai ao encontro da Sociologia, em que o sociólogo David Émile Durkheim traz a concepção de fato social como sendo algo exterior, coletivo e coercitivo, existindo independentemente do indivíduo e estando expressos em regras, valores e normas sociais, o que obriga os indivíduos a agirem de acordo com os padrões culturais.

Um estudo apresentado por Zebini (2022) contextualiza bem os fatos sociais na contemporaneidade, na revista Crescer, em artigo intitulado “Olha quem não está falando”, em que afirma que o desenvolvimento da linguagem das crianças é analisado levando em consideração o contexto da pandemia. No texto, Zebini (2022) apresenta o depoimento de algumas mães sobre as dificuldades que suas filhas e seus filhos apresentavam diante da aquisição da linguagem e do ato de fala em si, na pandemia.

Logo no início, Simone Rodrigues Ferreira conta a experiência que teve com seu filho Pietro, de 1 ano e 11 meses, durante uma consulta pediátrica no ano de 2020. Ela conta que o diagnóstico era de que o menino tinha a linguagem

correspondente à de um bebê de 10 meses. No entanto, com a ida à escola, durante a flexibilização das medidas de isolamento social, o menino apresentou constantes melhoras em sua fala, em decorrência do contato direto com a sociedade. Nesse sentido, Zebini (2022, p. 54) argumenta que, “para o desenvolvimento da linguagem oral é fundamental ter a compreensão dos sons da linguagem verbal, que ativam as conexões cerebrais para a linguagem, formando memórias da estrutura da língua.”

Sendo assim, ao ouvirmos o outro e ao nos comunicarmos, vamos armazenando os signos linguísticos em nosso sistema e, posteriormente, os combinando e substituindo, de modo a formarmos os sentidos, que fazem parte da coletividade. Ou seja, nesse esquema, toda a comunidade compartilha dessas mesmas informações psíquicas, e é aí onde se encaixa a definição de fato social.

Destarte, além de compreender a língua como fato social, Saussure trata também do valor dos signos linguísticos. Para ele, existe um eixo sintagmático (eixo das escolhas) e um eixo paradigmático (eixo das combinações), responsáveis por estabelecer “As relações e as diferenças entre termos linguísticos” (Saussure, 2004, p. 142). Dessa forma, o signo não tem valor por si só, pois é relativo, constituído pelas diferenças, pela negatividade. Por exemplo, o fonema “-a” nas palavras “menin-a” e “bol-a” não ocupa, nas diferentes palavras, o mesmo lugar, pois o “-a” em “menin-a” é morfema e marca gênero e o “-a” em “bol-a” é uma vogal temática, morfema que serve para complementar a base lexical da palavra. Além disso, o “-a” em “menin-a” terá valor porque se opõe ao signo “-o” em “menin-o”. Portanto, o signo “-a” não carrega (em si) valor absoluto. Sendo assim, o signo “-a” (e qualquer outro signo) só terá valor na posição em que ocupa no paradigma, e em oposição a outros signos.

Sendo assim, durante o comentário da professora Katia Ferreira, quando ela se utiliza da palavra “neutre”, tem-se como base “neutr-” e o fonema “-e” age em oposição aos fonemas “-a” e “-o”, que são morfemas e marcariam gênero em “neutro” e “neutra”. Ou seja, nesse caso, diferentemente do que é argumentado pela professora, gênero não é só definido pelo artigo que acompanha a palavra, pois essa é apenas uma das possibilidades em língua portuguesa. Além desse caso citado, a professora se utiliza dos seguintes exemplos para justificar seus argumentos de que gênero é definido pelo artigo que acompanha a palavra:

- a) O motorista. Termina em A e não é feminino.
- b) O poeta. Termina em A e não é feminino

No entanto, os exemplos utilizados pela professora, apesar de ajudar a reforçar seus argumentos, não condizem com as noções morfológicas de vogais de gênero. Então, propomos-nos, a partir da noção de descrição em Saussure, a segmentar essas palavras, pois a segmentação permite a decomposição de unidades complexas até o grau máximo de observação dos elementos mínimos que formam unidades maiores, conforme aprendemos com Batista (2011, p.23), em aulas de Morfologia, em semestre anterior, para que então possamos explicar as escolhas feitas por Kátia Ferreira.

A proposta que fazemos a seguir, apesar de não fazer parte do uso corrente da nossa língua, é uma tentativa de criar um objeto que nos permita pensar a língua por entre seus diversos caminhos. Vejamos: em “O motorista”, temos o

artigo “O”, que ocupa o lugar de marcador de gênero. Mas esse “O” só ocupa o lugar de gênero masculino por não ser “A”, como em “A motorista”. Portanto, em uma relação paradigmática destes artigos não há nada que impeça o “O” e o “A” de serem substituídos por “X”, “@” e “E”:

Relação sintagmática→

O-	Motor-ista
A-	Motor-ista
X-	Motor-ista
@-	Motor-ista
E-	Motor-ista

↓Relação paradigmática

Nesse sentido, os artigos propostos funcionam como artigos neutros no quadro, em substituição a “-o” e a “-a”, de modo a incluir todos os gêneros e trabalhar com uma linguagem não-sexista. Além disso, a professora mostra que em “O motorista” a palavra “motorista-a” termina em “-a” e não é feminino, como se o fonema “-a”, de “-ista” devesse ocupar lugar de gênero. Mas, na verdade, o “-ista” é um morfema e está ocupando o lugar de sufixo (elemento que se agrega após o radical para lhe modificar o significado) e o fonema “-a” ocupa o lugar de vogal temática, um morfema. Desse modo, tem-se uma falsa noção de que gênero é ou não marcado pela vogal temática, quando, na verdade, ao definirmos/marcarmos gênero em língua portuguesa, há formas diferentes que o marcam, a exemplo do que podemos ver na palavra “tod-a-s”:

Relação sintagmática →

TOD-	-A	-S
TOD-	-O	-S
TOD-	-E	-S

TOD-	-X	-S
TOD-	-@	-S

↓ Relação paradigmática

No caso da palavra “tod-a-s”, a forma que indica o feminino “-a” só tem valor porque não é “-o”, nem “-e”, nem “-x”, tampouco “-@”. Nesse sentido, essa discussão acerca do marcador de gênero, problematizada recentemente, ocorre na tentativa de “transformar algo que não era mais suficiente para uma dada comunidade: o uso do masculino genérico para se referir a um grupo de indivíduos - homens e mulheres (cis e trans).”, nas palavras de Viscardi (2019). Por conseguinte, “-e”, “-x” e “-@” não marcariam nem masculino nem feminino, ocupando o lugar de gênero neutro.

O mesmo caso, em nossa percepção, poderia ocorrer em “O poet-a”, palavra (“poet-a”) que, segundo a professora, termina com “-a” e mesmo assim não marca o feminino. Se formos comutar (substituir) o artigo “O”, teremos os seguintes resultados:

Relação sintagmática →

O-	Poet-a
A-	Poet-a
X-	Poet-a
@-	Poet-a
E-	Poet-a

↓Relação paradigmática

Nesse sentido, como afirmado pela própria professora Katia Ferreira, o gênero nesses casos é marcado através dos artigos e não da vogal final, que é uma vogal temática (e não marcador de gênero), o que também abre possibilidades para a inclusão de outros gêneros/ gênero neutro. Santos Filho (2021) argumenta que Para Lau (2019b) e Melo (2021), a marcação de gênero é uma categoria nominal (gramatical) no sistema linguístico em Língua Portuguesa, que é binária,

isto é, que marca as palavras como masculinas ou femininas, inclusive as palavras referentes a seres inanimados. Concomitante a isso, percebemos que os exemplos trazidos pela professora, da forma em que são trazidos, constituem a categoria nominal de gênero como binária, por configurar as palavras em dois polos: “masculino” e “feminino”.

Além disso, a professora traz a seguinte colocação: “Boa parte dos adjetivos da língua portuguesa podem ser tanto masculinos como femininos, independentemente da letra final: feliz, triste, alerta, inteligente, emocionante, livre, doente, especial, agradável etc.”. À vista disso, podemos perceber que o fato de todas as palavras serem citadas de forma isolada, sem um contexto específico, denota uma característica comum das gramáticas normativas, nas quais o contexto em que as palavras estão inseridas não importam, para a finalidade em que são analisadas.

Desse modo, podemos compreender que a própria gramática normativa, defendida pela professora, admite uma divisão dos adjetivos em a) uniformes: “Os que tem a mesma forma em ambos os gêneros” (Cegalla, 2008, p. 163) e b) biformes: “Os que possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino” (Cegalla, 2008, p. 163). Mesmo assim, retornemos à noção de que os signos não são unidades já prontas, estabelecidas, sem o concurso das operações do sistema (Lier-Devitto, 2016, *apud* Santos Filho, 2017) e vejamos o exemplo da palavra “triste”, em situações frasais:

- A) Ele está triste
- B) Ela está triste

68

Nos exemplos citados, percebemos que apenas os pronomes pessoais sofrem flexão de gênero, e que os adjetivos apenas exercem a sua função de expressar a característica do ser ao qual se refere. Logo, o “-e” em “trist-e” marca o lugar de vogal temática, completando o sentido do radical “trist-”, que poderia ser substituído por “-o”, por exemplo, em “trist-” “-o” “-nho”.

À vista disso, o que a professora Katia Ferreira precisa compreender é que, apesar de a nossa “cultura letrada” ser pautada essencialmente pela denominada “norma padrão”, de viés gramatical normativo, que é prescritivo, ou pela denominada “norma culta”, de caráter linguístico-descritivo (Santos Filho, 2021, p. 1258), é de fundamental importância que nós, como falantes da língua portuguesa, estejamos atentos e atentas a suas constantes mudanças, para que não acabemos negligenciando o fato de que “elementos já conhecidos da língua não são mais suficientes para descrever e representar a sociedade” (Viscardi, 2019) e de que podemos e devemos intervir sobre ela como sujeitos críticos, pautado(a)s tanto nos estudos linguísticos atuais, como nas subjetividades de cada indivíduo.

Assim, utilizar-se de um gênero neutro não vai “destruir” a língua portuguesa. De modo contrário, abrirá portas para novas maneiras de pensar a língua e seus funcionamentos, além de contribuir para uma linguagem cada vez mais não-sexista, respeitando as mulheres, a comunidade LGBTQIA+ e a todos os indivíduos.

Referências:

OLIVEIRA, Ronaldo Batista de. **A palavra e a sentença**: estudo introdutório. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CEGALLA, Paschoal D. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

LAGARES, Xoán Carlos. Qual é o problema delxs?. Santa Catarina: **Apeesc**, 29 de junho de 2021.

LIER-DEVITTO, Maria Francisca. O objeto da linguística: um convite à releitura. In. **Cult**, ano 19, nº 216, p. 54-57, set./2016.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. Afrontas queer/cu-ir: linguagem não-binária na escrita acadêmica (implicações políticas e possibilidades). **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 3, p. 1256-1275, 23 dez. 2021. Disponível em: [Afrontas queer/cu-ir: linguagem não-binária na escrita acadêmica \(implicações políticas e possibilidades\) | Revista da ABRALIN](#). Acesso em: 06 junho 2022.

SANTOS FILHO. Ismar Inácio dos. **100 anos do curso linguística geral**: construção da linguística, “diálogos com Saussure”. Delmiro Gouveia, 2017. (apostilha).

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

VISCARDI, Jana. O ‘x’ da questão: gênero neutro. **Linkedin**, 2019. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/o-x-da-quest%C3%A3o-linguagem-neutra-jana-viscardi>. Acesso em: 06 junho 2022.

ZEBINI, Daniele. **Olha quem não está falando**: Crescer. 2022.

Delmiro Gouveia (AL), 25 de maio de 2022.